

CREPUSCULO

GAZETA LITTERARIA

PROPRIEDADE DE SABBAS COSTA

Desterro, 12 de de Agosto 1889

ANNO III

Publicação semanal

Assig. por mez... 500 réis.

Pagamento adiantado

COLLABORADORES:—DD. Revocata de Mello, Rosa Valente. Candida Fortes, Candida Abreu, Julia Cavalcanti, Luiza Cavalcanti, Gulmarães, Ibrantina e Ubaldina de Oliveira; Srs. Silvio Pellico, Carlos de Faria, Pedro Gondel, Timotheo Maia, José Prates, Alfredo Toledo, Dr. Messeder, Brígido Peixoto, Francisco Cardona, Salomé Pereira, Canarim Junior e Wenceslau Bueno.

NUMERO 32

Escriptorio d rua de João Pinto n. 40

WENCESLAU BUENO

No dia 7 do corrente entrou no 45º anniversario natalicio este illustradissimo e conceituado prosador e inspirado poeta, cujo nome coroa estas linhas.

Ninguem desconhece este talentoso litterato que tantas vezes tem sabido, com sua rutilante pena, assoberbar as columnas de diversos periodicos.

Nos, que honramos a gazeta com o nome de tão illustre litterato, estamos em pleno jubilo por vermos o nosso amavel collega de redacção, completar o seu precioso anniversario no lar de sua virtuosissima familia, a quem tributamos muito respeito e consideração.

Wenceslau Bueno subio mais um degráo na escadaria da vida, e oxalá tenha elle sempre saude vigorosa e felicidade para galgar, no vindouro, outro degráo.

Não podia ser mais intensa a alegria que nos eleva e nos emociona!

Portanto, o *Crepusculo* saudalhe, mas saudalhe immerso em vivas alegrias, cheio de enthusiasmo; que seja feliz e avido sempre da bellissima saudade de que é digno.

CREPUSCULO

LETRAS

12 de Agosto de 1889.

IV

Sempre que se deseja gravar mais facilmente na memoria uma theoria qualquer, procura se um exemplo, ou antes, um facto em que se observe que tal theoria esteja no mundo real, positivo.

E' estribado nisso, e tendo plena certeza de fazermos assim o possivel para attingir o fim, relativo ao meio social e de cumprimos, portanto, nossa missáo de pugnar pela Litteratura, que vamos exemplificar o que temos escripto, servindo-nos para tal fim de um artigo critico que chegou-nos á mão.

Não conhecemos o signatario do artigo, de que lançamos mão, e nem o criticado, e não o procuramos saber; porque assim não nos poderão taxar de impessoaes e nem abastardar as nossas boas e louvaveis intenções.

Em uma reunião de diversas pessoas, que cultivam as letras, reunião essa em que se fallava sobre a litteratura catharinense, cahiu a conversação sobre a critica e então um

circumstante narrou um facto attinente ao assumpto e para melhor provar, o que acabava de afirmar, offereceu-nos um exemplar de um hebdomadario em que fôra dado á estampa o artigo critico, á que se referira durante a conversação.

E' esse artigo, cujo autor não conhecemos, que nos vae servir para a dissecação, com que julgamos poder attingir a meta de sejada.

A vitima publicára em um periodico algumas estrophes em que notava-se a falta de inspiração, mas que não peccavam contra a Forma.

Durante muito tempo se aprestou o pseudo critico, julgando-se talvez um gladiador da antiga Roma, que ia decidir na arena do combate a vida das nações, e muito tempo depois, estudando attentamente o objecto da critica, consultando meticulosamente os amigos sobre cada uma das palavras empregadas, atirou ao publico o estudo critico sobre a referida poesia.

Tendo um dos predicados essenciaes a um bom escripto, isto é, o estudo demorado, a meditação lenta, deveria tal artigo ser uma obra prima; mas não o é.

Em longas tiras de papel foi escripto tal artigo, e nem um só erro de metrificacção, nem um só erro de forma, nem um só erro de especie alguma foi appresentado pelo articulista.

A pseudo-critica, a que nos referimos, se limitava a transcripções de cada estrophe de per si e a exclamações que não tinham razão de ser, e que nada exprimiam.

E por entre as exclamações ia o homem semeando adjectivos encomiasticos, atirando á victima qualificativos honrosos, facto que vem corroborar o que affirmou o articulista da *Polyanthea* na edição, dessa gazeta, de 28 de Abril deste anno: «Esses criticos são como os timidos, que, temendo a força do inimigo, atiram-lhe areia aos olhos e procuram vingar-se em quanto elle os limpa; pois ao passo que tentam ridicularizar o escriptor, vam no accumulando de adjectivos encomiasticos».

Era caso de vir a victima à charge de revanche, não sabemos se o fez.

Continuaremos.

FICÇÃO

Ao talentoso joven Sr. Franaisco Cardona

Fôra no regaço de uma verdejante e aprazivel serra que elle—loira fantasia de mi-

nha debil imaginação—mandára construir uma esplendida casa, toda branca, muito branca, de vastas salas octogenaes, tecto abobadado, janellas amplas, por onde subiam graciosas e odoriferas trepadeiras—estancia dilecta dos saltitantes colibris.

A natureza, vestida de galas, exhibia magnifico, deslumbrante painel!

Trilava ridente a passarada, dondejando no espaço—pleno das suavissimas fragancias que desalavam-se do roseo seio da peregrina diva que se ataviava para o noivado—a primavera, a cujos osculos vivificantes reverdeciam os prados, marchetados de boninas e outras flores silvestres, porém admiraveis!

Transportada a esse eden sorridente, sentia eu renascer-me a vida—após bem longos tempos de insanos soffrimentos—illuminando-a o fulgor d'aquelles olhos limpidos e bellos, feitos talvez—luminosa chimera!—de uma particula do azul do ceu!

Em torno a mim tudo ria, tudo exultava de jubilo ineffavel!

Só ha verdadeiro extasis no campo!

Doce saudade porém me despertava o melancolico outono que já tão longe se ia!

Oh! o pallido outono é, para mim, a phase predilecta do anno!...

Eu soffrera tanto, tanto que tornára-me invulneravel á alegria, por isso que, mesmo acareciada pela felicidade transparecia sempre em meu semblante o morbido reflexo de uma tristeza vaga!

Tarde, muito tarde, somira-me a ventura!

Julia Cavalcanti.

CONTRASTE

Na nubilosa obscuridade das héras, a respirar muito fortuitamente a suavidade agradável da aura, acabava de desabrochar modestamente uma sympathica violeta.

Vivia ignorada de todos, e isso parecia-lhe confortavel.

Do seu dulcissimo perfume, que enleva a alma, jámais alguém se extasiara: só o ambiente, que celere lhe circundava, tinha até então gosado as exhalações da meiga virgem desconhecida!

Um dia, na occasião em que o sol se aproximava das margens do horizonte onde a terra parece confinar com o céu, o primor dos insectos—uma lindissima borboleta—vestida das côres as mais encantadoras, ia a adejar pelo caminho deserto de que distante

alguns passos se occultava a flor modesta, a que a natureza traja de lucto desde o nascimento.

Um odôr suavissimo, — preciosa presa da brisa, — inebriou-a tanto, que ella, entusiastada e louca de alegria procurava com afan indescritivel a meiga virgem obscura.

Encontrou-a, e n'um beijo ardente roubou-lhe a virgindade, em quanto que começava a infiltrar-se no seu delicado organismo o virus da morte.

— Assassina! exclamou a violeta.

— Perdôa, querida fada! — balbuciou fugitiva a borboleta, — mais vale a morte que a vida que levas aqui ignorada!

« E depois, continuou, se para você, minha mimosa, um beijo é a morte, para mim, rainha infeliz, é um goso supremo, ineffavel impossivel de exprimir-se!

E tornando a approximar-se da sua victima, disse, dando-lhe um segundo osculo:

— Na verdade que é bem lastimavel este contraste:—

A vida em troca da morte!

A borboleta desapareceu.

No dia seguinte o ambiente, unico amigo e conhecido da infeliz violeta, chorava-lhe a morte n'um descontentamento illimitavel!

P. GOUBEL.

A mulher d'este seculo

De dia a dia mais se manifesta quão natural é o desenvolvimento, a fecundidade do pensamento e formosas inspirações em uma imaginação de mulher.

Reconhece-se perfeitamente que o poder da epocha banhada pelas aguas de uma fonte limpida, vivificadora, certamente trará um baptismo de novas e sublimes idéas, verdadeiras antagonistas d'esse estacionario viver que aniquila as forças intellectuaes e moraes.

A mulher de hoje entusiastada sauda a voz electrizadora que acompanha o silvo das locomotivas, o transmittir dos telephones e telegrapho, e as viagens dos arrojados aerostatas.

Graças aos dedicados adeptos de seu progredir —, ella parece compenetrar-se de sua obscura posição no sumptuoso litigio dos nobres commettimentos; encara enlevada os largos caminhos das artes e industrias, comprehendendo toda a grandeza da prometteora marcha d'esse assombroso trem onde tre mula a rubida bandeira do progresso.

Não virá tarde a feliz era em que a mulher, aprofundando as sciencias, os vastos conhecimentos, ria do impossivel, e possa ao lado do homem douto resolver os mais intrincados problemas e acompanhá-lo nos serios e proveitosos estudos do gabinete.

Ella saberá mostrar que essa obscuridade em que a deixaram durante largo tempo não foi mais que um lethargo em umbrosa selva, onde penetrando a luz de uma aurora de evolução, apontou-lhe todas as maravilhas que convivem com o saber.

A mulher caberá então uma apothese levantada pela sociedade moderna, será a perfeita educadora do coração e do espirito, o manancial do lar domestico.

Saudemos essa epocha bem dita.

Revocata H. de Mello

EL-REI MILHÃO

Livro de versos do poeta rio-grandense
Renato da Cunha

Poucos dias antes da minha sahida de Pelotas, procedi á leitura do mais recente livro de versos do muito conhecido poeta Renato da Cunha—*El-rei Milhão*, que consta de trinta sonetos.

Já em 1888, com a publicação do bem variado e interessante livrinho de melodiosos versos *Maldições e Crenças*, os amantes da boa poesia tiveram ensejo de apreciar, nós pensamentos do autor, um artista inspirado, dedicado ao estudo e possuidor de herculea vontade de progredir.

Agora, que *El-rei Milhão* veio augmentar brilhantemente a collecção das obras de Renato da Cunha, da sua leitura, traduz-se:— os esforços que o poeta, com bom e feliz exito, tem feito para dar aos seus versos um colorido cada vez mais vivo, mais brilhante,—e os grandes progressos que demonstra da bella arte a que se dedica, com alto bom gosto, com criterio, e ajudado por inspiração ridente, que lhe brota do seu espirito refulgente de moço, que sente a alma enlevada nas phantasias da Musa e o coração ardente de enthusiasmo nas luctas da Natureza.

Assim, cumpre-me, ao seu mais obscuro patriocio, como admirador sincero de tudo quanto é util e bello, felicital-o por mais esse passo gigante que acaba de dar em direcção ao caminho da Gloria, auxiliado pelo Saber e guiado pela Luz, com alevantada honra para as letras rio-grandenses, que têm em Renato da Cunha um dedicado cultor, e para a litteratura brazileira que ha de brevemente reconhecê-lo como uma das mais possantes columnas a sustentarem o seu pantheon glorioso.

Desterro—31—7—89

FRANCISCO CARDONA.

YESPERTINOS

(SCENAS DO SITIO*)

A Alfredo Toledo

I

Bom dia, bom céu e boa aragem.

A floresta veste-se de boninas galantes, os passaros saúdam-n'a em canticos gutturaes e afinados.

Em harmonia passa o bando de passaros maritimos do lado do Levante para o do Occaso.

Ouve-se o garrular monotono e confortavel das rolas que abanando as azitas pardas levantam a poeira do chão...

No campo pasta o bezerro e o gado vai ao pôço beber agua...

Sóbe á serra, de foice ao hombro, o tio Jucas que ataca fogo aos gravetos seccos e faz a rôça.

Elle leva um chapéo de palha bruta e a calça de riscado.

Canta uns versos a moda do local, de rimas sem som e pensamentos differentes.

Não importa. E' o enthusiasmo ao trabalho que fal-o cantar o que lhe vem á mente.

O povo desta terrinha não me agrada; parece tão máo... E não será? Lá está uma mulher espancando uma creança porque quebrou um pôte...

Ella chora, coitadinha, ella grita tanto...

Passam na estrada de *papa-terra* á bocca uns sujeitos que erram n'uma ignorancia enorme.

Um delles conduz o gado á charrua que está carregada de lenha...

Vi-a passar. O contacto das rodas a outra parte da charrua produzia um som agudo.

E' bastante isto para tornar sublime a vida roceira.

Vi uma dona galante e corada que amava a um rapagão grosseiro.

Ella vinha de azul trajada e descalça apenas deixando pesar-lhe ao hombro um feixe de gravetos colhidos a floresta visinha a sua casa.

Vendo-a transpor a floresta, exclamei:

«E vem surgindo (surpreza!)
lá da risonha floresta
a deslumbrante Thereza
de cabellino na testa.»

Ella não vio-me. Passou e foi-se... Ao li-miar da porta da choupana em cujas paredes estavam pregados retratos de santos e santas e bonecas que vêm nas peças de morim, ella começou a entoar uma contradança de amor.

Não pude destacar os versos e sim o som da voz que era sublime e dava bom agrado aos ouvidos.

Outra vez sahio a Thereza. Não sei o que ia fazer.

Na estrada estreita em cujas estremidades via-se leve capoeira, teve ella occasião de encontrar-se com o noivo.

O noivo era um rapaz alteiro e desastrado, muito fallador e de gestos inconvenientes.

No cominho andava gente em trabalho; pelo que ella se encomodara ao ver o noivo dizer-lhe graças.

Vendo-a assim, descontente, elle, o meu finorio com toda energia disse-lhe:

«Zangada! promôde que?!
p'ra que você é tão má?!
— Não sei... ora não vê
que anda gente por lá?...»

O rapaz ficou timido ante semelhante resposta.

Inda se ouvia o trinado dos passaros nas mattas...

Era meio dia. O sol com seus raios de fogo parecia abraçar os vegetaes.

O mar era manso e o vento um pouco forte balançava os galhos dos arvoredos.

O bater de folhas em galhos e galhos em folhas, produzia um echo que assombrava...

A rapariga tinha acabado de *merendar* e pegando na almofada em torno a qual via-se grande numero de birros, levou-a á rua.

Sentou-se n'um banco e começou a fazer a renda.

O rapaz, o noivo brejeiro passava alegre...

Vio-a. Dirigio-se então a Thereza e disse— que queria conversar.

Ella trouxe-lhe outro banco e então ambos começaram a mostrar manifestações de amor.

Pouco distante dos amantes, passava uma terrível cascavel.

Ella fitou-a. Não pôde conter-se, e com impetos de raiva buscou uma tranca e disse ao jovem que não gostava d'aquelle bixo, por isso queria matal-o.

Elle, já acostumado a encontral-o na roça do pai, disse que não, que deixasse-o passar porque nada far-lhe-hia.

Ella teimou. O joven então, como quem aconselha, disse-lhe isto em terceto:

«P'ra que você é maluca?...
e quer saber d'uma cousa?
—não metta a mão na combuca.»

Ella não quiz ouvil-o.

Elle acalmou-a tirando-lhe a tranca e dando fim a vida do animal venenoso.

Era já tarde. O sol ficou com a luz fraca de modo a poder-se fital-a sempre.

A passarada que faz ri a floresta e faz murmurar os ninhos, soltava, n'uma expansão de glorias, os cantos alegres e afinados.

Era já tarde. E nem soprava o vento!..

O céu ficou sem esplendor!

Fugiste sol?!

SABBAS COSTA.

A MULHER

E' o typo natural das seducções. Ante sua imagem é que o poeta embriagado, das melodiosas cordas de sua lyra, nos arrebatamentos de uma paixão febril, arranca as mais sublimes notas de sua alma! Fraca— ella é mais forte do que o homem, porque é cheia de um espirito admiravel, ella subjuga-o, escravisa-o, mesmo nos terriveis impetos de colera, em que ella com uma só palavra, n'um só sorriso, altivamente transforma a indomavel fera n'um humilde cordeiro, que de joelhos humildemente ainda busca beijar-lhe a cassa do vestido!

Viste de que horrendo crime, foi hontem theatro a cidade!!!

Pois bem, analysai-o bem, sondando-o em todas as suas profundezas e vereis do meio desta scena de sangue vir-vos claramente surgindo o medonho espectáculo da mulher; mão que tantas vezes tem feito, girando sobre os pesados gonzos, abrirem-se as estreitas portas de um carcere, br... vezes em grande oceano de sangue tem transformado o sólo de uma nação, nas iras de uma guerra!

Entretanto o que seria o mundo sem ella, senão um escuro e vasto deserto! E como Mãi?! Oh! como Mãi, ella é o que ha de mais puro e santo sobre o mundo, o homem poderá, moralmente fallando, ser «tudo», um que de humano porém lhe faltará sem a sublime e elevada educação de Mãi, de

seu coração aonde fez ninho a ave da caridade, é que nos foram dictadas as sublimes leis da vontade!

Mas sem ti, mulher, o que seria a vida?!

Um cumulo de tristezas. Sem ti, mulher, o que seria o mundo? Um tumulto vazio!

BRIGIDO PEIXOTO.

PRIMEIRO DEGRÃO

Lili, um interessante anjinho de quatro annos, estava amuada.

— Como! Não senhora, que já está ficando mocinha! Tinha que ver, ir brincar com pandórgas! Isto é lá para o Arthur, que é homem... dizia o Sr. Alfredo com autoridade de pai extremo e satisfeito por que Lili já estava ficando mocinha!

— Que tem, Alfredo, disse lhê a carinhosa esposa, deixa a criança brincar...

— Ora temos! Vá, vá brincar com pandórgas; muito bonito! Amanhã está a cidade cheia de que a filha do Alfredo Oliveira crea-se no meio da rua, envolta com os rapazes... e já está ficando mocinha!

Dizendo isto, Alfredo, com ares de quem está encommodado, entrou no quarto.

A esposa, sensibilizada com esta introdução de escaramuça, seguiu-o... para fazer as pazes;

Pouco depois, andava lá pelo quarto um idyllo amoroso...

Lili, enraivecida pela ordem do pai, para vingar-se, festejava o idyllo derrubando uma esplendida estatueta que representava a Phantasia.

Naquelle tarde não ganhou confeitos; mas brincou com pandorgas.

Os carinhos da mãe, venceram os escrupulos do pai.

Primeiro degrau galgado na escada que ascende ao patamar da má educação.

— Oh! as pandórgas!...

Desterro—1—8—89.

F. CARDONA.

DOQUINHA

Era magra e debil. Tinha 11 annos quando a vi pela primeira vez. Naquelle tempo, em que para ella a vaidade era desprezível como um cão leproso, naquelle tempo sim, a Doquinha era um jumbo, de olhos *pehults*, e labiosinhos cor de larvas maduras.

Hoje, a Doquinha é vaidosa, e ri-se até das bonecas com que brincára outr'ora.

Aos onze annos, ella sabia apenas contar até dez; aos doze aprendeu a carta do *abc* e aos treze sabe ler cartas e jornaes litterarios onde vê sonetos inspirados..

Antigamente ella sabia de cór e salteado o *Padre Nosso*, hoje parece que ella cuida mais nas phrases dos amores do que na oração...

Engraçada. E interessante a Doquinha. Outr'ora quando ia ao theatro ver repre-

sentar dramas, ella os via, e no outro dia nem sequer se lembrava que tinha ido na vespera ao theatro, hoje quando vai ver representar comédias, trata de prestar attenção ao enredo da peça, e no outro dia conta a sua companheira de escola—que foi ao espectáculo e vio uma comedia interessante, cujo enredo ella mesmo revela á amiga.

Entretanto, em creança, Doquinha quando passava voluntariosa para missa via-se naquella physionomia de anjo meigo e vivaz um signal de creança; agora quando vai as novenas, deixando soar os *puffs* do vestido engomado e expandir o perfume verminado de aguas floridas no lenço, nota-se na physionomia, d'antes innocente, hoje pretenciosa, um que denota interesse: é o amor, naturalmente, o amor que fala ir as novenas ver o rapaz que atira-lhe uns olhares hirtos e sublimes.

Neste caso ella sorri-se, deixando transparecer a lactea dentadura gentil.

Pobre Doquinha, como mudou!

Para mim que conheci-a nos tempos de creança, quando passava as tardes em casa d'uma visinha minha, acho misteriosa agora a vida daquelle anjo.

E com aquella vaidade e soberbia de joven tenra, corada, cheia de bellezas e encantos, Doquinha nem quer olhar a gente...

Entretanto gosto de vel-a, de fitar aquelle todo feito da seiva de alguma flor, ou do clarão de alguma aurora....

Doquinha sabe que eu a conheço ha tempos, e, que me lembro da epoca em que ella gostava de comprar ás quitandeiras creanças feitas de trapés e de olhos feitos a retróz.

Talvez hoje ella ainda frequente alguma escola; porque não ha muito tempo, que vi-a entrar numa casa com um livro a mão; não sei se esse livro era algum poema de Cassimiro ou o novo testamento.

Doquinha agora está maliciosa, detesta os sacros cantochãos e prefere modinhas de amor, tristes como as pupilas de um anjinho que vai em busca de outros mundos.

Quando vejo-a passar com os cabelles bem penteados a moda e as faces joviaes como chilros de gaturamos, penso contemplar a via-lactea fulgente em noites estreladas!

Doquinha sabe que eu a conheço ha tempos e que me lembro da epoca em que ella gostava de comprar ás quitandeiras creanças feitas de trapés e de olhos feitos a retróz...

SABBAS COSTA.

Desterro, 8—8—89.

PEROLAS DE OPIUM

Vesper

O' mystico fanal,
O' meiga filha da saudosa hora,
Vem beijar a cecem que te namora,
Do lago no crystal!

Brilham do prado os lumes,
Perpassa a briza merencoria e grata,
Abrem no val caçoulas de ouro e prata
A derramar perfumes.

Nos plainos, nas quebradas,
E sobre o leve azul das ondas mansas,
Já solta a triste noite as negras tranças
De per'las ennastradas.

Vem, astro meu risonho
Confidente gentil dos meus amores,
E' bella a noite, e eu quero em teus fulgores
Haurir meu doce sonho!

Lá surge alfim do monte
A meiga fada que sorri no lago!
Seu brando raio, em carinhoso afago
Ja vem beijar-me a fronte!

O' doce e meiga diva,
Celeste mensageira da esperança!
Tu que trazes aos nautas a bonança,
Traz-me a ventura esquivada!

DELMINDA SILVEIRA.

VEM!

SANTA CRUZ À IRLANDA

Porque choras, Hibernia, inutil pranto
Que o destino cruel não te mudou?
Deixa o soluço por eterno canto!
Transpõe os mares, que o porvir te dou!

Sob alguns restos de selvagem manto,
Muitos thesouros te guardando estou,
E em troca apenas do legado santo
Mais do que afagos te pedir não vou!

Vem! Por guardar-te aos hibernaes rigores,
Dou-te em tres reinos naturaes desvelos,
No mais nobre frouxel de finas côres;

E nos sombraes, pelo verão tão bellos
Ao vicejar de perennaes favores,
Dormirds no tapiz de meus cabellos!

CANDIDA FORTES.

(Rio Grande do Sul).

À BEIRA MAR

Declina a tarde, na ponte
Com ar tristonho, enlevado,
Fitando o largo horisonte
Vê-se um poeta sentado.

De pé, não muito distante,
Yoyó na pesca entretido,
Amarra o grosso barbante
Siri na rede cahido;

Um terra nova orgulhoso
Mergulha e surge garboso,
A' tona d'agua outra vez:

Fazendo riscos n'areia
Do mar à borda passeia
Um velho nautico inglez.

Rio Grande.

Julietta de Mello Monteiro.

LIVRO DE NOTAS

JULIA CAVALCANTI

O nosso collaborador Francisco Cardona, juntamente com o original—Ficção—que publicamos hoje, recebeu uma interessante e bem firmada missiva da joven escriptora exma. sra. d. Julia Cavalcanti a quem agradecendo as elevadas palavras que tão gentilmente nos dispensa, enviamos nossas sinceras felicitações.

Com previo consentimento do destinatario, publicamos em seguida a aludida carta.

« Illm. Sr. Francisco Cardona.—Infinito grata à V. S. pelas immerecidas gentilezas que, benevolamente me ha dispensado, vencendo o constrangimento que tenta dominar-me, remetto à V. S. uma obscurissima producção, para o interessante *Crepusculo*.

Digne-se V. S. aceitar, essa pobre interprete da mais subida consideração e viva sympathia.

Digne-se mais V. S. apresentar ao Illm. Sr. Sabbas Costa, em meu humilde nome, cordiaes agradecimentos, que derivam-se de incluir-me o distincto joven no numero dos illustrados collaboradores do seu apreciavel periodico—distincção inadmissivel, que agradeço desvanecida.

De V. S.—Sincera admiradora—*Julia Cavalcanti*—Pelotas, 27 de Julho de 1889.»

Album de Parabens

No dia 1º do corrente fizeram annos os Illms. Srs. Domingos Peixoto e Bernardino Varella, aquelle amavel e respeitado funcionario publico e este talentoso e conceituado poeta.

— No dia 2, a Exma. Sra. D. Maria E. Travassos da Costa completou 22 ridentissimas primaveras.

— Naquelle mesmo dia fez annos o illustrado e digno Sr. Dr. Augusto Fausto de Souza Junior.

— A 3, entrou nas 26 risonhas e esplendidas primaveras da vida o nosso apreciado e sincero amigo Alfredo Caldas, moço por cuja fina educação civil é doptado de sentimentos nobres e geral sympathia.

O *Crepusculo*, que já tem, immerecidamente, tido a honra de merecer innumeradas provas de estima e gentileza deste delicado moço, envia-lhe ardentes abraços, desejando seja sempre feliz no lar de sua respeitavel familia.

— A 9, completou 37 annos de idade o illustrado e criterioso facultativo, Illm. Sr. Dr. Francisco de Paula Oliveira Guimarães.

S. S. pelo elevado conceito que possui digno de toda a consideração.

Nós o respeitamos em todos os sentidos. O *Crepusculo* faz votos pela eterna felicidade de tão precioso e humanitario facultativo, bem como de sua extremosa e exma. familia.

Saudações a todos.

FLORES

No dia 27 do passado matrimoniaram-se a exma. sra. d. Leocadia Bueno e o joven Trajano D. Cardoso.

Por esse motivo enviamos nossas saudações em flores!...

HORAS VAGAS

Quem primeiro nos deo a decifração do logogripho do nosso ultimo numero, foi o sr. Garcia Netto, sendo premiado.

O sr. Franc de Paulicéa nos enviou a seguinte solução:

«Com Honorio e com Sueco
Se decifra facilmente
Ser—Horacio Nunes—o éco
Do Logogripho valente
De Cardona sapiente.»

Para hoje temos as seguintes cousas:

Logogripho

A Pompeu Theodoro Dias.

Pelas madrugadas formosas 6, 2, 5, 4, 11, 16
Procurando na igreja 9, 13, 12, 8, 5, 15, 2
Encontrarás este thesouro, 1, 4, 14, 11, 16
Que todo o mundo almeja. 2, 5, 4.

Tambem em certo tempo 8, 3, 14, 4
Lá n'um canto do quintal 1, 4, 11, 7, 16
Abunda este liquido 7, 10, 3, 7, 6.
Entre nós muito usual.

CONCEITO

E agora, meu Pompeu,
O conceito vou te dar:
Procura entre as deidâde,
Que meu todo has de achar.

ROBERTO LOPES.

Charadas

A Faancisco Luiz de Medeiros
Procura o elemento a bordo 2, 2.
O titular não existe na cadeia 2, 2.

Aicrag Otten.

Impresso na typ. da *Tribuna Popular*.